



A possibilidade de se pensar a morte

A morte causa grande desassossego no homem que se propõe elaborar um pensamento acerca da mesma. Sabemos, a grosso modo, que um dia a vida findará. Além disso, há um enigma sobre o que acontece, ou se algo acontece após a morte. Diante dessa certeza e das dúvidas que dela surgem, cabe ao homem se esforçar para chegar, no limite que lhe é permitido, ao entendimento do que seria morrer, e conduzir sua vida, da melhor forma possível, para esse momento. Inspirados por três pensadores, Bertrand Russell (1872-1970), Michel Montaigne (1533- 1592) e Michel Foucault (1926-1984), apontaremos as possibilidades do pensamento sobre a morte.

A “vida após a morte” na perspectiva de Russell

O primeiro questionamento que propomos, na aventura de dizer algo sobre a morte, é se existe ou se é possível alguma atividade humana após o óbito. Para esse debate, consideraremos o pensamento de Russell. O pensador inglês considera a morte como fim do processo biológico humano; que compreende o corpo, que está fadado à transformação que se encerra no falecimento, e a alma, que está relacionada à atividade mental-cerebral – e, portanto, ao corpo que morre. Nessa perspectiva, a possibilidade de sobrevivência à morte está na memória, que necessariamente deverá existir ativamente na vida de outra pessoa:

Se, por conseguinte, devemos acreditar que uma pessoa sobrevive à morte, temos de acreditar que as lembranças e os hábitos que constituem a pessoa continuarão a ser exibidos num não conjunto de ocorrências (RUSSELL, 1960, p.71).

Sendo assim, para esse pensamento, a probabilidade de “vida” após a morte é mínima e dependente da memória.

Aprender a morrer é o que nos resta: Montaigne

Considerando a intuição de Russell, e se ela estiver correta, como então conseguir que a nossa memória perpetue, garantindo nossa sobrevivência à morte? É necessário aprender a morrer. E para isso, é necessário aprender a viver da melhor forma possível. Quem vive bem, quando morre, apesar de encerrar seu processo biológico, garante a lembrança de sua vida. Ora, quem foi exemplo de vida, foi virtuoso, viveu bem, está vivo em nossa mente: suas palavras, suas ações, seus atos, seus compromissos são docemente recordados, embora seu corpo esteja putrefato ou nem exista mais. Esse é o aspecto antes da morte, que configura a possibilidade de Russell para depois da morte.

O caminho que nos possibilita viver bem, e a isso compreendemos como virtuosamente, não é outro senão o da Filosofia. As palavras do próprio pensador nos ajuda a entender o porquê:

“Diz Cícero que filosofar não é outra coisa senão preparar-se para morrer. Isso talvez [...] porque toda a sabedoria e inteligência resultam finalmente que aprendemos a não ter receio de morrer” (MONTAIGNE, 1980, p. 44).

O valor da vida em relação à morte: Foucault

Depois de considerar que estamos morrendo e da possibilidade de sobrevivência à morte através da memória e, através da Filosofia, a sua efetivação, Foucault aponta um aspecto importante para esse processo, no período antes da morte, no agora, no presente. Com a Filosofia, além do desenvolvimento das virtudes, é possível ao homem o alargamento de uma “consciência de si mesmo” (FOUCAULT, 2004, p. 580), que lhe mostrará o verdadeiro valor da vida e que contribuirá para uma melhor vivência, uma vida mais bem vivida, e por consequência uma melhor morte.

Portanto, o pensamento sobre a morte é que permite a retrospectiva e a memorização valorativa da vida. Também aqui, como vemos, a morte não é um pensamento sobre o porvir, ou seja, aquilo que está para acontecer.

“O exercício, o pensamento sobre a morte é [...] um meio [...] para realizar o grande circuito da memorização pelo qual totalizaremos toda a nossa vida e a faremos aparecer como ela é. É o julgamento sobre o presente e a valorização do passado que se realizam neste pensamento sobre a morte, que justamente não deve ser um pensamento sobre o porvir, mas um pensamento sobre mim mesmo enquanto estou morrendo” (FOUCAULT, 2004, p 582).

Para isso é necessário ao homem retornar, através da memória, ao passado e perceber o que ele construiu até então. E observar o que há de positivo ou negativo, e se for oportuno, reconstruir. Sendo assim, desde a vida ele poderá construir uma memória de qualidade, virtuosa, que o ensinará a morrer e que garantirá a sobrevivência à morte.

Considerações Finais

Após a exposição de nossas intuições, a partir da leitura desses três pensamentos sobre a morte, podemos compreender, que a única possibilidade de atividade humana após o óbito é a memória. Para garantir essa continuidade é necessário saber morrer. Para saber morrer é necessário saber viver. E para saber viver é necessário filosofar. Filosofia garante uma vida virtuosa, que garantirá, por sua vez, a perpetuidade da existência do homem. Além disso, a Filosofia permite ao homem iniciar esse processo de morte em vida, quando se aproxima de sua história, através da própria memória, no passado e no presente para construir sua possibilidade de continuidade existencial após a morte, no futuro.



Questões

1. Para Russell existe possibilidade de vida após a morte?
2. A partir da compreensão da morte em Montaigne, o que é aprender a morrer ?
3. Qual o aspecto apontado por Foucault com importante no processo anterior a morte?

Edição e diagramação:

Alunos do 1º período da Graduação em Filosofia da FDLM.

Projeto extensionista I



Referências:

FOUCAULT, Michel. *A hermenêutica do sujeito*. Tradução Márcio Alves da Fonseca e Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
MONTAIGNE, Michel Eyquem de. *Ensaio*. Tradução Sérgio Milliet. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1980.
RUSSELL, Bertrand. *Por que não sou cristão e outros ensaios sobre a religião e assuntos correlatos*. Tradução Brenno Silveira. São Paulo: Exposição do Livro, 1960.

Autores:

Fabiano Alves Assis
Rafael Guimarães de Oliveira